



d'Orey

GAZETA



nº 7

SACO AZUL

Obrigado
João d'Orey Azevedo Coutinho (castanho)

WWW.DOREY.PT

Consultem as gazetas online e a Árvore Geneológica no site da Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey. Não se esqueçam de verificar os vossos dados, podem estar incompletos. Enviem as fotografias que faltam.

ÍNDICE

Ramo Azul d'Orey Quintella (pág.2)
pela Redacção da Gazeta

A Avó Ana (pág.2)
por M^ª de Madre de Deus Figueira Quintella

A Avó Ana (recordação de uma neta) (pág.2)
por M^ª do Carmo de Almeida Lima Quintella de Siqueira

Lembro-me muito mal da Avó Ana (pág.3)
por M^ª do Rosário de Fátima de Almeida Lima Quintella

A minha Avó Ana (pág.4)
por Maria Tereza de Almeida Lima Quintella

Opinião de quem conheceu bem a Avó (pág.4)
por Maria Tereza de Almeida Lima Quintella

Recordações da minha juventude (pág.4)
por Maria Isabel Garcez d'Orey

Francisco Xavier d'Orey Quintella (pág.5)
por Manuel Maria Ana do Loreto Figueira Quintella

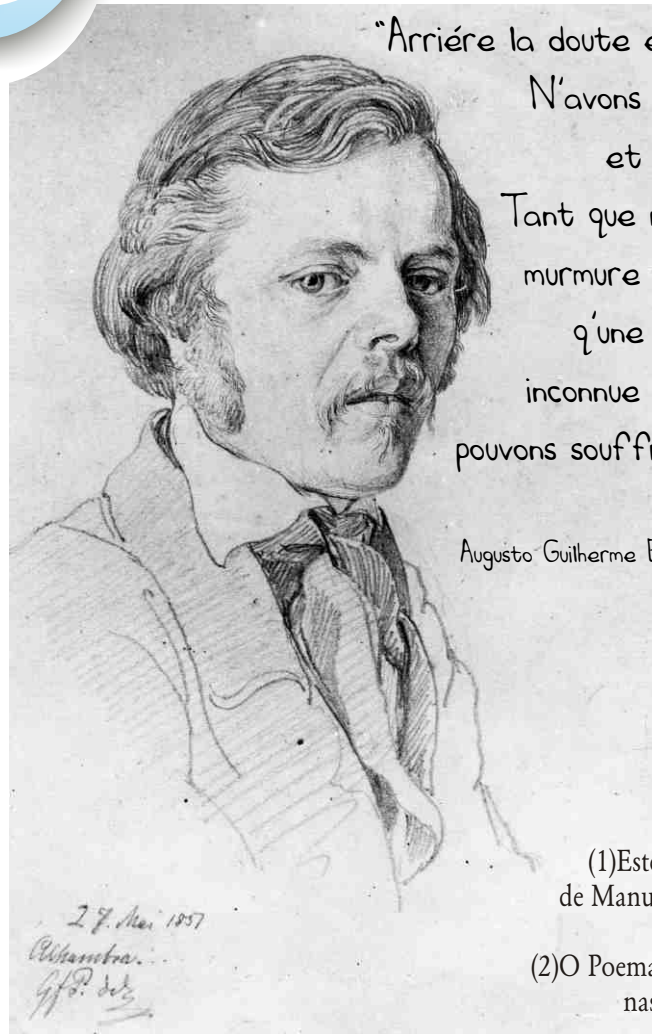
O mimo dos Tios (pág.5)
por Maria Teresa de Almeida Lima Quintella

Para recordar... (Pág.6)
pela Redacção da Gazeta

Os primos Quintellas! (Pág.6)
por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

Os 100 anos do meu Avó Fernando (pág.7)
por Teresa Sacadura Botte Mendes Ferreira

Hoje: "Deus para pensar: o mal (pág.8)
Por Maria Teresa d'Orey da Cunha Santiago



"Arrière la doute et le découragement.
N'avons nous pas Dieu au ciel,
et l'amour sur la terre?
Tant que notre conscience nous
murmure le nom de Dieu, tant
q'une âme soeur, connue où
inconnue priéra pour nous, nous
pouvons souffrir et combattre, et
l'avenir est à nous."

Augusto Guilherme Eduardo Hector Achilles d'Orey

(1)Este desenho é dos descendentes
de Manuel Eduardo d'Orey Quintella

(2)O Poema foi distribuído no encontro
nas parchanas, em Maio último

NOTAS DA REDACÇÃO

Não podemos deixar de informar que não chegou a tempo desta Gazeta d'Orey a colaboração do José Diogo Quintella (um dos GATOS FEDORENTOS "para nós", sem dúvida nenhuma, o mais talentoso!) mas temos que compreender os muitos afazeres das ESTRELAS. Como os assuntos de família tem todos o seu tempo, assim que fôr possível logo aparecerá! Aliás, não é o primeiro assunto que fica para depois. E depois, têm aparecido!

A redacção da Gazeta d'Orey, nas pessoas da Tim-Tim, Luisa, Nico e Bruno (que não pôde ir) sentiram-se muito honrados com convite para o almoço nas Parchanas, que gostaram imenso!

A próxima Gazeta será para o ramo Encarnado ou Verde, conforme a quantidade de artigos que recebermos.

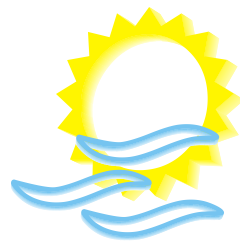


Redacção: Tim-Tim (laranja) email: timtim_milu@hotmail.com Nico (verde) email: anamaria@orexorex.net

Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras Fax: 214 213 156

Distribuição: Luisa Loureiro (laranja) email: lloureiro@mdados.pt Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.



RAMO AZUL D'OREY QUINTELLA pela Redacção da Gazeta

Anna Luiza Mousinho de Albuquerque d'Orey, sexta filha dos fundadores da nossa família, nasceu a 20 de Outubro de 1864, no Faial. Casou com Joaquim Pedro Sampayo Quintella (aquele que



emprestava os seus bigodes ao seu cunhado Waldemar, para este fazer os seus negócios enquanto não tinha maioridade), 6^o filho do Visconde da Charruada, neto do Conde Farrobo, bisneto do Barão de Quintella. Pelo lado materno era neto do 1^a Conde do Cartaxo.

Anna Luiza, a única filha de Guilherme e Luiz Mouzinho de Albuquerque que casou, e portanto nos deixou o RAMO AZUL e de quem temos esta fotografia em pequena!

Damos a palavra a alguns dos seus descendentes.



A AVÓ ANA por M^a de Madre de Deus Figueira Quintella



A avó Anna com os seus descendentes em Maio/Junho de 1935.

Na frente, a Carmo com quase 2 anos e a Madre de Deus. Na 1^a fila, à esquerda, Tacha (Maria do Patrocínio), Helena ao lado do seu marido Manuel, a avó Anna com a Tereza ao colo e por fim Joaquim Pedro, mais tarde frade cartuxo. Na 2^a fila à esquerda o Manuel (filho do Xavico), Blita (Maria Benedita) e seu marido Pino (Joaquim Pedro), Zeta (José Diogo), a Nina (Maria Luiza), a Cáu (Maria do Carmo), Laurita e seu marido Xavico (Francisco Xavier)

A nossa avó Ana era uma pessoa enérgica, inteligente, culta e sobretudo muito religiosa. Monárquica, muito convicta, era corajosa e cumpridora do que entendia ser o seu dever em relação ao seu país. A vida na sua casa era de uma grande simplicidade. Era grande conversadora, divertida, gostava muito de gente nova e a sua porta

A AVÓ ANA (RECORDAÇÃO DE UMA NETA) por Maria do Carmo de Almeida Lima Quintella de Siqueira

Infelizmente tenho muito pouca lembrança da avó Anna com saúde. Era muito pequena quando ela teve a trombose que a deixou paralisada durante sete anos.

Há no entanto uma recordação da avó, ainda com saúde, que acho muito engraçado contar: - Nesse tempo (eu tinha três anos incompletos) vivíamos na Quinta do Carmo, em Murfacem, a avó levava-me a passear na Quinta, e para me fazer andar depressa, batia com a bengala no chão, marcando o compasso enquanto cantava a velha canção alemã "ich hatte einen Kamaraden". Mostrava assim a sua costela germânica. Depois de adoecer comovia-se muito quando ouvia essa canção, razão pela qual o meu pai nos dizia para não a cantarmos diante da avó.



estava sempre aberta para toda a família.

Lembramo-nos que tinha uma grande ternura pelos irmãos e sobrinhos que, aliás, lhe retribuía da mesma maneira.

Quando já estava muito doente os seus irmãos visitavam-na com muita frequência na Quinta do Carmo, o que para nós era muito divertido porque levavam as netas e brincávamos muito com elas.

Quase todas as suas sobrinhas netas tiveram a grande simpatia de, no dia dos seus casamentos, após a cerimónia religiosa, irem a sua casa para que as visse vestidas de noivas.

O seu neto mais velho, depois de uma vida inteiramente dedicada à Igreja e aos outros, ingressou no Convento da Cartuxa onde está sepultado. Esperamos que no céu a avó tenha o gosto de ver na terra entre os seus descendentes mais três vocações religiosas, um padre, uma missionária da Caridade e uma consagrada.

Foi uma pessoa que viveu a sua vida de acordo com as suas ideias e conseguiu criar à sua volta um ambiente familiar que por toda a família, e não só, era muito apreciado.





LEMBRO-ME MUITO MAL DA AVÓ ANA por Maria do Rosário de Fátima de Almeida Lima Quintella

Tinha dois anos quando ela morreu.

O Pai e a Mãe transmitiram-me uma imagem de alguém que congregava as pessoas à sua volta. Aparece-me como um ponto centrifugador, com certeza que pela atenção e amor que dispensava aos outros!

Em todos os retratos, que o meu Pai (Joaquim Pedro d'Orey Quintella) lhe tirou, a Avó tem uma actitude activa: tem um bebé ao colo, ou mostra livros aos netos ou faz tricot, também para algum concerteza!

Devia ser uma boa companheira, porque muitas sobrinhas a adoravam, assim como os irmãos, e muitas vezes passava épocas em casa deles.

Os meus pais, que se casaram no mesmo dia que a tia Helena (Maria Helena Oom de Almeida Lima) e o tio Manuel (Manuel Eduardo d'Orey Quintella), dois irmãos com duas irmãs, viveram os primeiros anos de casados na Quinta do Carmo Fixaram-se depois em Alcochete. Tinha sido formada a S.A.E.S.- Sociedade Agrícola Exploradora de Sal, SARL, hoje SA e o Pai ficara seu administrador.

Em Alcochete, a 1ª casa para onde foram morar foi para a casa da marinha dos Pinheirinhos, uma casa muito gira mas completamente sozinha, no meio dos muitos lagos que constituem uma marinha, e cujo único ruído era o piar das aves aquáticas. Hoje os Pinheirinhos fazem parte do Museu do Sal, avistam-se da ponte Vasco da Gama, ainda com a barra azul como outras casinhas de marinha, era a característica da "casa"(1)pela sua tendência monárquica. Na sua época áurea, a S.A.E.S compunha-se de 17 marinhas, cobriam uma área bastante grande que me é difícil calcular. A maior, com uma grande diferença das outras, tinha 400 ha. Cada marinha tinha um marmoteiro e dois criados de marinha, mais os empregados e caseiros das quintas e os feitores seriam uns 57 empregados efectivos.

O trabalho nas marinhas era sazonal, começava em Maio e acabava em Outubro, se não chovesse antes. Além da limpeza da marinha, o seu trabalho consistia na rapação do sal, que empregaria uns 150 assalariados à semana e no carregamento do sal, que era à jorna, e que consistia em carregar o sal numa canastra à cabeça para os muros das marinhas ou para as fragatas, pois era por este meio que se fazia o seu transporte.

O Pai, com muito jeito para a fotografia, encarregou-se de fotografar alguns aspectos desta actividade, os quais apresento alguns exemplares. Foram depois viver para a casa da Vila, hoje casa do Aposento e do Café Barrete Verde. Depois viveram em Vale Figueira. Foi aí que eu apareci! Fui muito renitente em vir a este mundo! Durante sete anos os meus pais marcharam para Fátima no dia 13



de Maio! No oitavo ano não conseguiram ir no dia 13. Foram no dia 14! Nasci a 14 de Fevereiro! A avó Ana, já doente, estava atenta aos problemas dos filhos. Nesse 13 de Maio, estando a ouvir, com a minha Mãe a transmissão de Fátima, virou-se para a Mãe e disse: - Já rezei por vocês e pelo vosso assunto. Com muita convicção e por todas as suas vidas, me consideraram uma graça de Nossa Senhora, daí o nome que tenho. Nasceram depois três manos, o Reguim (Joaquim Pedro de Almeida Lima Quintella), a Mariazinha (Maria Clotilde de Almeida Lima Quintella) e o Paulo (José Paulo de Almeida Lima Quintella).

A viver em Alcochete, sem filhos, a Mãe dedicou-se profundamente à Igreja. Reorganizou a catequese, que não havia desde a implantação da República. Daí o Padre Cruz lhe ter ficado imensamente grato. Ainda guardamos os papelinhos que Ele escrevia à Mãe a preparar primeiras comunhões e a agradecer. Também o Pai lhe servia de "chauffeur" para visitar as prisões, preocupação PRIMEIRA deste Senhor.

Depois de nascer o meu irmão Reguim já fomos viver para Vale de Mouros, propriedade que ainda temos. Simultaneamente, o tio Xavico (Francisco Xavier d'Orey Quintella), que também tinha vindo para Alcochete, instalava-se em Valbom. Era o pós guerra, as nossas deslocamentos eram sempre em carros de cavalos. Nessa quinta havia um picadeiro. A "casa" tinha uma criação de cavalos e muitos de nós montávamos.

Para cá chegar era uma viagem comprida e às vezes complicada com marezadas, daí as nossas visitas, nesse tempos, virem para ficar. Passavam connosco, dias e às vezes meses. Lembro-me que a tia Luisa Quintella, desde Vale Figueira, vinha passar um verão muito prolongado connosco. Os seus últimos 7 anos foram passados em nossa casa e cá morreu. Amigas da Mãe passavam cá semanas! Os últimos anos de solteira da Isabelinha (prima do lado Quintella) cá foram passados.

Estou a escrever em Alcochete, para onde venho bastante com o meu irmão Reguim. A minha irmã Mariazinha, que Deus já chamou a si, VIVIA imenso esta vida de Alcochete. Adorava festejar os anos com caldeiradas, feitas pelo João Abílio, e vinha muita gente!

Normalmente era domingo e a festa começava com a missa das 11 e meia. Era muito animado. Sempre que venho para Alcochete, no caminho, sinto-me a voltar à casa mãe!

(1)"casa" designação que os Alcochetanos usavam em relação a tudo que era da S.A.E.S





A MINHA AVÓ ANA

por Maria Tereza de Almeida Lima Quintella



Infelizmente não conheci, durante muito tempo, a minha avó Ana bem de saúde, porque eu tinha apenas um ano quando ela teve uma congestão cerebral, grave, que a deixou parálitica do lado esquerdo e alterou a sua forte personalidade.

No entanto, parece que apesar do nosso relacionamento ter sido tão curto, a avó Ana, conheceu e analisou perspicazmente a minha pequeníssima pessoa, pois dizia de mim: - < esta criança tem um “Je veux” muito positivo > e acertou, pois entre os meus defeitos, consta um “querer” muito forte, o que nem sempre é cómodo para os que me rodeiam.

Enquanto esteve doente, durante sete anos, continuava sempre a ser meiguíssima connosco e muitas vezes, quando não conseguiam dar-lhe os remédios, a Carmo e eu éramos chamadas, pois ela a nós, nunca recusava o sacrifício de os tomar.

OPINIÃO DE QUEM CONHECEU BEM A AVÓ

por Maria Tereza de Almeida Lima Quintella

A avó Ana era inteligente, activa, despachada, conversava bem e era muito alegre, apesar da vida difícil, que teve.

O avó Joaquim Pedro (Joaquim Pedro Sampayo Quintella) era muito doente e morreu tuberculoso muito cedo. A avó educou os filhos, alguns ainda muito novos, com coragem e inteligência. Apoiou-os sempre corajosamente mesmo quando dois deles pelas suas ideias monárquicas tiveram que sair do exército e foram até perseguidos e presos. A avó, corajosamente enfrentou estas difíceis situações e ajudava directa ou indirectamente, os presos políticos (monárquicos), chegando mesmo a emprestar o seu véu de viúva para que, uma grande senhora protectora das famílias monárquicas pobres, que estavam presos, pudesse circular livremente, sem ser reconhecida.

Tinha muito tacto para a gente nova, interessava-se muito pelos estudos dos netos e tinha uma visão simultaneamente prática e muito espiritual da vida. Trabalhava para os pobres da paróquia visitava-os e fazia para os mesmos numerosas roupinhas e agasalhos de “crochet”. Deixou uma carta muito bonita para ser lida depois da sua morte da qual vou transcrever algumas linhas que mostram bem aquilo que para ela era o mais importante.

“(…) o que eu vos peço é que nunca deixem, nem por um instante, a nossa Santa Religião e os deveres indicados por Ela...cumpram os vossos deveres religiosos primeiro que tudo pois só isso vale neste mundo, o resto é tão pouco ! (...)”

A avó teve 134 descendentes dos quais 118 ainda estão vivos.

Apesar de doente, sempre apreciou imenso as visitas, que eram muito frequentes, todos os irmãos vivos e cunhadas vinham cá muitas vezes e ela adorava.

Lembro-me também que as sobrinhas e sobrinhas-netas vinham, simpaticamente, no dia do casamento visitar a Tia Ana o que fazia as minhas delícias pois achava-as todas lindas.

Aliás a velha casa da Tomás da Anunciação, sempre foi um ponto de encontro para a família, desde o tempo da bisavó d'Orey (Luiza Mouzinho de Albuquerque d'Orey) que aqui viveu e morreu. Mais tarde, a minha mãe, (Maria Helena Oom de Almeida Lima Quintella), tinha sempre um chá às quintas-feiras, com a presença das irmãs, cunhadas e primas com um agradável cavaqueiro para todas, penso eu, pois raramente faltavam a esses chás familiares. Os meus pais, tiveram 9 filhos (um morreu muito pequeno). São portanto a Carmo, a Tereza, o José Caetano, a Ana Maria, a Helena, o Manuel (Tajai), o Francisco (Xico) e o Luís (Licas). Sempre gostaram de conviver (principalmente na sua casa). Tínhamos uma vida muito simples, mas muito feliz. Sempre vivemos na maior harmonia e todas as noites, até à morte do meu pai (tinha eu 27 anos) adormeci ao som da música clássica, que ele adorava, e ouvia todas as noites até tarde.

Primeiro vivemos na Quinta do Carmo, em Murfacem, depois, quando a avó adoeceu, vínhamos passar o Inverno para Lisboa e só íamos para a Quinta no Verão.

Depois da morte da avó, em 1943, passamos a ir para a Ericeira passar o Verão, onde tivemos o prazer de conhecer os primos d'Oreys, filhos do tio Zé (José Diogo Sampayo d'Orey) e da tia Albertina (Albertina Garcez Raimundo d'Orey), de quem nos tornamos inseparáveis. Os meus pais, também se davam muito bem com o casal Sampaio d'Orey o que facilitava imenso a nossa relação. Essa amizade dos pais e tios, durou até à sua morte tendo a minha mãe e a tia Albertina morrido, creio eu, no mesmo ano.

Hoje continuamos, ainda a entendermos muito bem e já vamos na quarta geração.

RECORDAÇÕES DA MINHA JUVENTUDE

por Maria Isabel Garcez d'Orey (verde)

De tanta gente boa que nos atravessa na vida e cujos gestos e palavras ficam gravados no nosso coração, como grandes exemplos de Fé e vida, não posso calar-me ao recordar uma delas, a muito querida tia e madrinha de casamento a tia Blita (Maria Benedita Oom de Almeida Lima Quintella).

Tia de uma bondade extraordinária, duma imensa generosidade para com todos, principalmente para com os mais pobres e mais fracos. Generosidade essa que por vezes a prejudicava, mas a sua Fé mandava sempre mais alto que toda a “sensatez humana”. Lembro-me de a ver rezar.

Desculpava-se por tardar a fazer-nos companhia. É que havia ainda tanto para rezar, tantas outras necessidades ! Lembro-me de um dia a ter encontrado no Chiado e depois de trocadas algumas palavras, sempre bondosas e consoladoras, desfiz-me a chorar no meio dos seus braços, dos seus beijos e das suas bênçãos. Também a vi chorar com um desgosto tremendo por ter sido traída por alguém a quem tanto se tinha dedicado de alma e coração, como sempre fazia a todos que a rodeavam.

Recordo a sua enorme e contagiante alegria de viver e fazer viver. Tenho a certeza absoluta que esta nossa querida tia, ainda hoje, lá no Céu, continua a proteger todos os seus. Não há dúvida que personifica todos aqueles que vivem com o coração e a razão sempre apontados para o Céu, porque lhes é concedido o Dom de reconhecer o que é verdadeiramente essencial.





FRANCISCO XAVIER D'OREY QUINTELLA

por Manuel Maria Ana do Loreto Figueira Quintella

Filho mais velho de Ana d'Orey, casada com Joaquim Pedro Quintella, nasceu em Lisboa, em 23 de Fevereiro de 1890 e foi um elemento familiar com características muito próprias e interessantes, dado o seu carácter e o seu irrequieto inconformismo. Cedo escolheu seguir a carreira militar. A morte d'el Rei D. Carlos precipitou a sua entrada para o exército pois imediatamente a seguir assentou praça. Frequentava a Escola Politécnica como soldado cadete quando da proclamação da República. Abandonou então o curso e seguiu a incorporar-se na coluna do comandante Henrique Paiva Couceiro.



A partir daí entrou em todas as incursões monárquicas tendo-se sempre distinguido pela sua valentia e desembaraço. Desempenhou-se das missões mais arriscadas e foi dos 'couceiristas' mais conhecidos. Acabadas as incursões esteve exilado em Madrid e Paris, tendo regressado a Portugal, clandestinamente, pouco antes da morte de seu pai a que assistiu, em 1914.

Quando Portugal entrou na Guerra, em 1916, beneficiou da amnistia e incorporou-se no novo exercito para servir o país na guerra. Não o aceitaram na Escola de Guerra mas pôde frequentar o Curso de Oficiais Milicianos. Não chegou a ser mandado para a frente. Fazia serviço com o seu pelotão de Lanceiros 2, no Quartel-general, para onde tinha sido destacado, quando do movimento de Sidónio Pais, a que aderiu.

Já depois do assassinato de Sidónio fazia serviço como subalterno no esquadrão do capitão Delfim Maia, em Lanceiros 2, que fez a guarda avançada da coluna que atacou e submeteu Santarém que se tinha revoltado sob a chefia de Cunha Leal. Participou activamente do movimento monárquico de Monsanto, e no final foi preso. Casara em Abril de 1918 com Laura Pinto Basto Figueira Freire e encontrava-se preso no Lazareto do Funchal quando nasceu em Lisboa seu filho mais velho, Joaquim Pedro, que foi frade cartuxo, hoje já falecido. Teve ainda mais quatro filhos que chegaram à idade adulta: Manuel, M^o Luísa (Nina), M^o do Carmo (Cáu) e M^o da Madre de Deus.

Das suas actividades até esta altura da sua vida ficou uma admiração e

dedicação ao Comandante Paiva Couceiro incedíveis. O seu 'Comandante', como lhe chamava, também o apreciava muito, tendo-lhe deixado em testamento a espada que levava quando dos combates de Marraquene e Magul em Moçambique, em que tanto se distinguiu.

Mais tarde foi conspirador e colaborou activamente na preparação do movimento do 28 de Maio. O general Carmona que tinha sido seu comandante em Lanceiros 2, foi por si contactado em Évora para colaborar neste movimento.

Entretanto tinha tido acção importante nas organizações e movimentos de opinião monárquicos. Foi um dos entusiastas do jornal 'Acção Realista'. Em 1927 foi a Paris com os conselheiros Aires d'Ornellas e Pinheiro Torres para se encontrarem com Sua Majestade o Sr D. Manuel com quem tiveram vários encontros. Tratou-se sobretudo da escolha do herdeiro do trono, depois da morte do Rei.

O Lugar-tenente d'el Rei, Sr. Almirante João de Azevedo Coutinho, quando da trasladação em 1933 do corpo de Sua Majestade o Sr. D. Manuel para Portugal, escolheu-o para ser um dos combatentes monárquicos que transportaram aos ombros o caixão do seu Rei.

Depois da existência do Estado Novo, afastou-se da vida activa política. A partir de 1935 organizou uma pequena sociedade, que ainda existe, para exploração de sal na área de Alcochete. Foram vários os seus sócios, permitindo-me, no entanto, salientar o incondicional e importante apoio que sempre recebeu dos tios Rui (Ruy Mouzinho de Albuquerque d'Orey) e Valdemar (Waldemar Mouzinho de Albuquerque d'Orey).

Estudou genealogicamente a sua família, particularmente uma determinada linha dos seus antepassados Mouzinhos de Albuquerque, que os levava a D. Afonso Sanches, filho bastardo de D. Diniz. Braamcamp Freire tinha contestado a veracidade de certas conclusões em processos para concessão de brasões, a antepassados Mouzinhos, em que essa linha tinha sido indicada e aceite. Francisco Quintella discordou de Braamcamp e publicou um livro chamado 'Comentários ao ataque de Anselmo Braamcamp Freire à genealogia da família Mouzinho de Albuquerque no seu livro 'Brasões da Sala de Sintra''. Faleceu, viúvo, na Quinta da Conceição, na Caparica, em 15 de Novembro de 1970.



Manuel Quintella com a Avó Ana

O MIMO DOS TIOS

por Maria Teresa de Almeida Lima Quintella

A nossa infância e juventude foi muito feliz. Além do ambiente em casa, ser muito calmo e harmonioso tínhamos a sorte de ser muito amimados pelos tios.

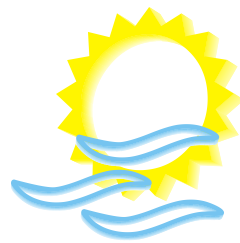
A tia Tacha (Maria do Patrocínio d'Orey Quintella) vivia sempre connosco e nós gostávamos muito dela, não parava de tricotar casaquinhos, camisolas e meias para nós, além de nos proporcionar algumas saídas a Alcochete ou à Quinta da Conceição onde eramos muito bem recebidos e nos divertíamos com os primos. Chegou a passar comigo e com a Carmo e outros primos oito dias em Fátima. Também dava imensos passeios connosco na Ericeira e em Lisboa, levava-nos às festas das Oficinas de S. José e a casa das primas. Além disso conversava imenso connosco, ouvia as nossas confidências e contribui muito para a nossa formação moral. O tio Zeta (José Diogo d'Orey Quintella) era também muito querido, levava-nos muitas vezes ao Jardim Zoológico, vinha sempre jantar connosco aos sábados e quando estava calor trazia-nos sorvetes, o que nós adorávamos. Além disso, passava sempre uma semana na Ericeira ou em Alcochete o que nós muito apreciávamos.



Pino, Blita e Tacha

Mesmo depois da sua morte, a sua mulher, a tia Manuela, continuou a ir sempre para Alcochete ou para a Ericeira, onde passava algumas semanas. Acabou os seus dias em Alcochete, tratada com todo o carinho pela tia Blita (Maria Benedita Oom de Almeida Lima Quintella).

O tio Luís Oom Almeida Lima (irmão da nossa mãe e da tia Blita), proporcionava-nos imensas saídas. Era muito divertido e adorava estar rodeado de gente nova. Durante a Temporada levava-nos todos (primos Almeida Lima Quintella) à Ópera. O programa incluía um óptimo jantar com uma única exigência "pontualidade" pois o tio Luís queria chegar sempre a tempo a todo o lado. O mesmo se passava na época das Feiras de Badajoz, Sevilha e Santo Isidro (Madrid). "Rigorosa pontualidade". Todos tínhamos que estar prontos no hall do hotel duas horas antes da "corrida" para não haver engarrafamentos até à praça, haver lugar



O MIMO DOS TIOS (continuação)

para o carro e não haver apertões na subida, até aos nossos lugares. Geralmente acabávamos por esperar meia hora ou mais, sentados na praça antes da tourada, mas ele ficava satisfeito dizia imensas graças e dava-nos gelados, porque o calor era bastante apesar de estarmos à sombra. Depois da corrida tínhamos um jantar muito animado seguido duma saída para ver dançar flamenco, ir à ópera ou a outro qualquer espectáculo ou simplesmente ficarmos a conversar no hall do hotel até às tantas. As feiras duravam vários dias, nós divertíamos-nos imenso porque o tio Luís levava sempre vários primos e víamos ótimas corridas. Deixava-nos as manhãs livres para as compras e ainda por cima nos dava dinheiro para podermos comprar mais coisas. Embora entre os sobrinhos tivesse os seus preferidos era generoso com todos e quando algum estava doente ou triste por qualquer razão, ele redobrava o mimo que poderia ser, por exemplo, uma estadia em Madrid numa feira ou um cruzeiro pelo Mediterrâneo. As outras tias Almeida Lima também nos visitavam amiúde e traziam-nos bolos ou chocolates. Enfim tivemos, graças a Deus, uns tios excepcionais, sempre prontos a ajudar-nos e a dar-nos mimo com um coração muito grande e mãos muito abertas.

PARA RECORDAR...

Quando Mariana e Luíz de Albuquerque d'Orey (laranja) celebraram as suas Bodas de Prata em 20 de Agosto de 1912 mandaram fazer esta taça e gravar as seguintes palavras, que tudo dizem

“20/8/1887 20/8/1012

AOS BEM CASADOS

Que por esta taça, comemorativa das nossas bodas de prata, bebam um vinho de amor, de paz e de união familiar, os nossos descendentes que de nós conservem piedosa memória.



A posse d'esta taça passará sempre, com a nossa benção, para o último que completar 25 annos d'um leal casamento christão

Luiz e Marianna”



Fotografias de Tiago d'Orey Slewinski

OS PRIMOS QUINTELLAS!

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)



Tinha eu feito 7 anos há pouco tempo, quando passámos a ir para a Ericeira nas férias! Aí, tive o primeiro contacto com o tio Manel e com a tia Helena. Eram uns primos do Pai e pronto! Pois bem, mas três dos seus filhos, tinham idades muito próximas de nós os três, irmãos mais novos. Ótimo! Tínhamos primos para brincar. Realizo agora que, desde essa primeira impressão de criança até hoje, passados mais de cinquenta anos, para além das brincadeiras sem fim, uma carinhosa e grande amizade nasceu e continua florescer entre as duas famílias de primos. Essa grande amizade estendeu-se de imediato à tia Tacha, ao tio Pino, à tia Blita e filhos, assim como ao tio Zeta e tia Manuela (Maria Manuela Sequeira Quintella). A alegria de conhecer os descendentes do tio Xavico veio mais tarde, mas com não menos carinhosa amizade. Voltando aos tempos de criança na Praia da Ericeira, aos passeios à Fonte da Margarida, à Foz do Lizandro, à Saibreira, a Fonte Boa dos Nabos, ao Pinhal, ao Alto dos Moinhos, etc. etc., sempre com a presença da queridíssima Lhi (Deolinda), deixam imensas e ótimas recordações! O Monopólio e os jogos de cartas também ocupavam algum do nosso tempo e eram muito renhidos. Não me posso “esticar”! Não há espaço aqui na Gazeta d'Orey! Mas apetecia-me! Então, para fazer o gosto ao dente aqui vai uma história desses miúdos: - Fomos um dia com o Pai e com a Mãe a Alcochete a casa do tio Pino e da tia Blita. Numa altura em que o tio Pino mostrava qualquer coisa ao Pai e portanto os adultos estavam distraídos, estava por ali uma charrete com um macho atrelado, julgo que era para serviço da Quinta... O Reguim, o



mais espigadote (ponham-lhe espigadote..!) saltou para a charrete e nós fomos atrás. Aí, diz o Reguim : Oh malta, embora? Claro que todos concordamos. E lá fomos a trote, guiados pelo Reguim, todos lampeiros pela Quinta de Vale de Mouros fora, visitando as salinas e tudo o que houvesse

para ver. Quando voltamos, estava o tio Pino furioso, até “deitava fumo” de preocupação com o que pudesse ter acontecido... Eramos bastante miúdos. A média de idades deveria ser de uns 12 anos. Coitado do Reguim apanhou um descompostura a valer, mas para nós ele não merecia. Foi tão divertido! Fomos com tanto juízo! Obrigada Reguim!

Quanto a Quintellas, não posso deixar aqui uma referência muito especial ao Xico (Francisco Xavier Almeida Lima Quintella). Era um dos três primos mais novos, por sinal o mais rabino, com quem dávamos os tais passeios e que a Lhi tinha que ter sempre nele um olhar especial. Mais tarde foi médico e casou com a Elsie (Elsie Duarte Silva Savage da Costa Quintella). A Mãe, que apreciava o Xico especialmente, costumava dizer a propósito destes sobrinhos: - Atrás dum grande Homem está sempre uma grande Mulher! O Xico acompanhou o Pai e a Mãe até ao fim. O zelo com que prontamente os assistia, o rigor com que exercia a sua profissão, a ternura com que o vi assisti-los, até comove...! Obrigada Xico!



OS 100 ANOS DO MEU AVÔ FERNANDO

por Teresa Sacadura Botte Mendes Ferreira (laranja)

O meu avô Fernando Rolim de Seabra Pereira, natural de Paço d'Arcos, apaixonou-se pela avó Conchinha, filha do Bisavô Luis d'Orey, da Quinta do Barracão, em Santo Amaro de Oeiras. A minha mãe Tim-Tim e a Mana Cásinha, os dois rebentos do casal, organizaram, fez no passado dia 7 de Fevereiro dois ano, uma celebração em família, comemorando o centenário do avô Fernando.



A Igreja Paroquial de Oeiras foi palco de celebração da missa, em memória do avô, e os netos e bisnetos, munidos de guitarras e vozes à altura do evento, substituíram o habitual coro da missa vespertina.

Os meus primos Loureiro (filhos da Tia Cásinha e do Tio Pedro), que já "actuaram" várias vezes em "palcos semelhantes", tomaram conta dos primeiros bancos da Igreja, alinhados por vozes, as mulheres à frente e os homens atrás.

O Tomás, filho do Miguel (Loureiro), leu o salmo responsorial (cheio de palavras difíceis), numa voz muito clara e segura.

O Prior de Santo Amaro, que nos conhece a todos desde que nascemos (à minha geração) referenciou, na sua homilia, a família, a importância dos vínculos entre avós e netos, testemunhou a nobreza de carácter do avô, e partilhou com a comunidade que ali se encontrava a razão deste encontro de família. Muitos dos primos Seabra Pereira, filhos dos irmãos do avô, juntaram-se a nós nesta ocasião especial.

Seguiu-se um jantar magnífico em casa da Tia Cásinha, um verdadeiro cozido à Portuguesa, com direito ao famoso caldo de entrada, e um fantástico molho "holandês" que a minha prima Ruja (Loureiro) confeccionou "na hora", para acompanhar o dito cozido.

Recomendo vivamente esta novidade no cozido!

Deixei para "sobremesa" deste manjar de família, e antes de falar sobre o meu avô, figura principal desta crónica, um registo que ficará para sempre em família - uma edição de memórias sobre o avô, onde filhas, netos e alguns sobrinhos partilharam o registo de notas, pensamentos ou uma frase simples sobre o que este senhor, homem tão singular nos deixou. Os textos foram organizados e "encadernados" pela Mimi (filha da Tia Cá).

É um escrito, um registo, um momento de pausa para pensar no sentido da família com F "grande", e nos valores que o avô nos deixou a todos, e a cada um em particular, para que os possamos transmitir aos que não o conheceram e mergulhar na história da nossa família.

Todos os acontecimentos festivos na nossa família são sempre revestidos de uma grande simplicidade mas com uma grande participação activa do "clã".

Penso ser esta uma das grandes qualidades da nossa família, certamente herdada dos nossos avós.

O Avô Fernando era um ilustre habitante da Quinta do Barracão, onde morou, desde que casou até a Quinta ser vendida.

Tinha, a meu ver, a casa mais bonita da quinta, metade da frente da casa, no primeiro andar, com vista mar. E não sendo um membro directo do clã d'Orey, era sem dúvida um sócio muito especial daquele clube de família, tendo sido sempre respeitado e querido por todos os que lá viveram ou passaram temporadas.

O sua paixão pelo mar, pela pesca, por bons carros, por uma boa mesa, o espírito de família que transpirava à sua volta, a disposição para os outros e a ajuda sempre pronta a dar, foram valores reconhecidos por todos os irmãos e sobrinhos da avó Conchinha (Titá) que viviam naquela fantástica quinta de família.

Ao avô Fernando, com muita ternura da sua neta Teresa.

HOJE: "DEUS PARA PENSAR: O MAL

por Maria Teresa d'Orey da Cunha Santiago (amarelo)

"Deus para pensar: warhum nicht? why not? porque é que não?"

Pode parecer estranho que eu comece por falar de Deus e do mal... Normalmente a catequese começa a dizer que Deus é muito bonzinho e nós sentimo-nos logo mal porque vemos que nem o mundo nem as pessoas são assim tão boazinhas. A pergunta pela maldade, o sofrimento e o mal é a grande pergunta da nossa fé...

Já lá vai o tempo em que as respostas da catequese nos bastavam... Dizer que Deus permite o mal porque respeita a nossa liberdade é quase um escândalo, uma resposta insuportável... pelo menos para mim... como se tudo se "arranjasse" depois, nos tempos da vida eterna... Será que eu posso aceitar assim tão passivamente o sofrimento dos inocentes, a fome, a guerra, as crianças-soldado, as pessoas da nossa família que passam por sofrimentos tão profundos que são difíceis de imaginar????

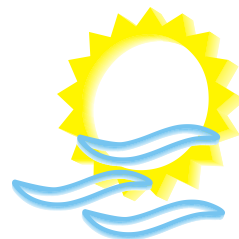
Desculpem ... mas eu preciso de "perguntas" e "respostas" mais sérias, mais adultas ... que se calhar vêm incomodar a nossa fé "formatada" como se fosse uma disquete com normas gravadas... Desculpem primos, tios, manos, sobrinhos, pais e mães ... somos uma família enorme, onde "há de tudo" ... Se eu sou "freira" ou "monja" (como me chamam alguns d'Orey...) é porque tenho uma grande paixão... a de Deus por este mundo... que sofre, que pensa, que tem fé, que espera, que perdeu a fé ... que pergunta... que responde com ternura.... E eu tenho um "fraquinho" pelos meus primos ditos "ateus" ou "agnósticos" porque normalmente são gente profunda e que não se deixa levar por ideias "formatadas" tipo "copy-paste"... Sinto-me muitas vezes mais perto deles e delas do que dos "grandes praticantes" ... acreditem.

Ora aqui vão algumas pistas que me ajudaram... Acho que a primeira coisa que temos que pensar é que Deus não precisa que "o defendam" ... nem que inventemos teorias horríveis em que dizemos ao mesmo tempo "Deus é bom mas permite o Mal"... "Deus é Todo-Poderoso e o mal existe porque ele respeita a nossa liberdade"... São ideias muito difíceis de "casar"... Vamos tentar separá-las e começar a dizer: "Há duas experiências: por um lado Deus existe e por outro lado, o sofrimento existe"... São duas experiências ... Os filósofos e os teólogos bem tentaram encontrar uma resposta à questão da origem do mal ... mas parece que não há... o que talvez queira dizer que é uma questão interessante mas que não nos leva a parte nenhuma. De facto, ninguém pode dizer àqueles que experimentam que "Deus é bom" que o que vivem é mentira... da mesma maneira que não podemos dizer que o "sofrimento não existe". É um "problema" para a nossa fé, para o nosso ateísmo... para a nossa indiferença religiosa. Das duas uma: ou dizemos que os cristãos católicos são "ingénuos" e damos a razão aos não crentes ou então julgamos os não crentes por não terem fé e por serem "grandes pecadores". Para mim não é solução... porque o Evangelho não é assim... Jesus nunca evitou as perguntas nem excluiu ninguém...

O melhor ainda é "descer" à Bíblia e às experiências de cada dia. A Bíblia ensina-nos a conhecer um Deus de Amor que põe o mal em questão. Já não é o mal que põe Deus em questão, é o próprio Deus que põe o mal em questão e que luta contra o mal... que se põe ao lado das vítimas ... que provoca a nossa liberdade para que sintamos que o sofrimento é de facto insuportável. Moisés, um amigo de Deus ... para libertar o povo da escravidão; Jesus, inocente que não responde ao mal com violência, que cura, que perdoa, que ouve e que se indigna contra os pecados sociais de riquezas mal repartidas...

Sobre Deus e o mal, é isto que a Bíblia nos ensina... nada mais... Jesus não responde à questão da origem do mal... E mostra-nos um "retrato" de gestos "todos-poderosos" de que não gostamos porque parecem pequenos demais e não "resolvem o problema" ... Mas o nosso Deus é assim... este é o Deus cristão ... e se dizemos que não temos fé porque não acreditamos num Deus assim "pequeno e vulnerável"... então percebo porque é que não temos fé ... e respeito.

Quando leio os testemunhos de Primo Levi e dos deportados que



HOJE: "DEUS PARA PENSAR: O MAL" (cont.)
por Maria Teresa d'Orey da Cunha Santiago (amarelo)

voltaram de Auschwitz, o que vejo escrito é que foram pequenos gestos que os "salvaram": um bocado de pão ... uma frase de um amigo ... ter que viver para dar ânimo ao que estava com ele no mesmo barracão... O nosso Deus é o Deus dos pequenos gestos... é um Deus silencioso mas que vê o fundo do nosso coração... E o mais impressionante é que é um Deus que quer depender de nós para aparecer ou existir através dos nossos gestos.

O meu discurso não é nada filosófico nem imperativo... Mas é o discurso de fé dos cristãos ... Não nos foi revelado um Deus diferente deste Deus vulnerável e companheiro... Não acreditamos num Deus "solução" mas num Deus de gestos e palavras que salvam ... porque são tão pequenos como nós e a nossa vida... Por isso, queridos primos crentes e não crentes, nem sabem como agradeço as vossas perguntas de fé, que são também as minhas... Não me é fácil acreditar num Deus assim pobre quando o mal é tão forte e poderoso ... e nem sei explicar porque é que acredito em Deus... Sabem, no fundo, cada acto de fé é um "sim" tão pessoal e tão simples que só a nossa liberdade profunda pode explicar. A nossa fé tem que saber "pensar"... e dizer com coragem: "não sei porque é que o mal existe..." ... "mas acredito em Deus", no Deus que através da minha pequena colaboração me torna sensível ao outro... Deus "existe" se eu lhe der existência (e não o "Ser", para que os filósofos e teólogos fiquem descansados... porque não estou a dizer nenhuma heresia)... E a resposta ao mal aí está... gestos e palavras muito pequenas ... mas fundamentais...

No fundo, queridos primos, tios, sobrinhos, manos e pais... acho que muitos de nós temos esta fé que tantas vezes a catequese e a imagem da Igreja obscurece... A questão da Igreja pode ficar para outro dia... mas Deus confrontado ao enigma do mal e do sofrimento é a questão mais básica e fundamental da nossa fé... Por isso comecei por aqui... com uma "resposta" que não responde... mas que incomoda e provoca... ao estilo de Jesus e do Evangelho. O resto fica para os pensadores... Eu leio a Bíblia e admiro-me com os pequenos gestos de bondade que vejo todos os dias... de crentes e não crentes. São eles que respondem à minha fé e me dizem que o meu Deus "não faz acepção de pessoas".

teresa_o_santiago@yahoo.fr

CASAMENTO

de Madalena (amarelo e laranja) e Diogo



Maria Madalena Siqueira de Almeida Soares Franco e Diogo de Lonet Delgado Arruda deram o "nó" na Igreja de S. Quintino. Seguiu-se a Boda na Quinta da Murta em Bucelas. A noiva estava lindíssima, o noivo impecável, os convidados muito contentes e a festa foi muito animada.

MATHNASIUM

de Conceição da Cunha (encarnado/castanho)

O objectivo é a aprendizagem especializada da matemática! "Tal como num ginásio se exercita o corpo, no MATHNASIUM exercita-se o raciocínio". Programas de treinos à medida das necessidades do estudante, reforçando as suas bases de matemática, além da sua confiança. Contactos: Tel/Fax:214684323 Tlm: 919 841 482 email: sjestoril@mathnasium.com.pt



PALAVRAS IMPORTANTES

lidas por Rodrigo Cardoso d'Orey (amarelo)

Decorreu no passado 20 de Maio de 2006 um almoço na Herdade das Parchanas dos descendentes de Waldemar e Maria Helena, Vasco e Manoela. Depois do almoço, o ponto alto da reunião foi o seguinte texto, que resume o espírito de família ali presente. Foi lido, pelo decano da família:

"Querida Família,
Sentimos neste dia, e nesta casa, uma grande alegria, porque constatamos, que a herança que recebemos dos nossos pais, é tão grande e tão boa que vai perdurando por muitas e muitas gerações. Pelo menos 5, vemos aqui presentes! Queremos também lembrar que este acontecimento, que se Deus quiser terá seguimentos nos próximos anos partiu duma ideia do Francisco secundada imediatamente pelo Lourenço e por imensas boas vontades, das quais temos que destacar a Lailai e o Duarte, nossos anfitriões e o Frederico que tudo pôs à nossa disposição e a toda a comissão que não vamos discriminar, mas que fez um trabalho fantástico, para permitir que tudo isto acontecesse. Queremos muito especialmente valorizar o espírito de família, no qual todos fomos criados, e a ideia da formação dum grupo amigo que se ajuda e que partilha uma tradição sempre boa e sempre actual.

Temos valores, temos uma linguagem comum, e temos princípios. Tudo isto nos une e nos torna mais fortes para enfrentar uma vida que se vai anunciando cada vez mais difícil.

Em nome de todos e com a maior ternura posso afirmar que sabemos que todos podemos incondicionalmente contar com todos."

Notas: Por motivo de falta de espaço, não podemos publicar mais 3 textos, que, no seu conjunto, espelham o que foi o encontro, a alegria, o porquê de ser limitado a dois ramos, além das expectativas para o próximo ano.

SAUDADE

de Manuel Frederico de Campos Andrada Oom (1932-2006)

Deixou a nossa prima Nina (Maria das Dores d'Orey de Azevedo Coutinho Oom) (castanho), toda a sua enorme prole, restante família e muitos amigos. Celebrariam este mês de Junho, 49 anos dum casamento muito feliz. Formavam um casal exemplar, sendo os valores de família uma das suas principais preocupações. A lembrança que deixa não tem medida e isso foi salientado na missa de 7ª dia, pelo Padre Duarte Cunha (encarnado), filhos e netos. Além do mais os filhos e netos cantaram maravilhosamente !"

